



A MÁSCARA

(ou: Pequeno Enigma
para ser lido de mil maneiras)

José D'Assunção BARROS¹

Recebido: 15/10/2020

Aceito: 18/05/2021

O Homem Velho sentou-se ao bar
onde costumava tomar um gole
Pediú daquela vez um suco
antinatural
ao invés da cerveja
quase habitual

Despiu o par de luvas brancas
revelando a mão inédita
Olhou, em torno, as caras sempre as mesmas
todas desfiguradas por uma triste alegria
Eternamente tão banal

E num gesto novo, já premeditado,
ele arrancou do rosto o que era máscara
desfazendo a falsa face do Homem Velho
na nova imagem, ainda nunca desvendada

E aquela gente, entre-surpresa e fascinada,
fitou o Homem Novo que então se revelava
mas logo dissolveu-se tudo em riso escárnio
e a multidão zombou do que se lhe mostrara

Não que a face nova fosse em si ridícula

¹ Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de graduação e pós-graduação. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

BARROS, José D'Assunção. A máscara (ou: Pequeno Enigma para ser lido de mil maneiras). In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

ou contivesse traços engraçados
Simplesmente era destoante
ao olhar convencional e redundante

Ou nem isso, apenas dissonante
em sequência imediata à velha face
à cuja imagem bem comportada
todos os olhos se acomodaram

Diante do riso o Homem Novo
Por um momento de fraqueza envergonhou-se
Mas logo percebeu que não eram faces que riam
mas outras máscaras ainda não tiradas

E removendo do seu ser os últimos resíduos
do Homem Velho que antes fora
abandonou na mesa a vergonha
que a sua face nua já não irradiava

Nunca mais retornou àquele bar
e os homens de máscara que ficaram
jamais souberam que algo mudara
senão por um Homem Velho que faltava